

# história e diplomacia



# ***A EMBAIXADA DE ALEXANDRE METELLO DE SOUZA À CHINA NO CONTEXTO DAS RELAÇÕES LUSOCHINESAS***

*Huang Qichen\**

Portugal é um país de fortes tradições católicas e o catolicismo do povo influencia as decisões políticas das autoridades do país. O estabelecimento dos portugueses em Macau através de arrendamento, desde 1553, dependeu largamente da missionação do catolicismo na China e da estratégia política das dinastias Ming e Qing em relação à actividade dos missionários. Por isso, desde a entrada de Mateus Ricci em Zhaoqing, Shaoguan, Nanchang, Nanjing e Pequim para a propagação do catolicismo, as autoridades de Portugal começaram a dar apoio material à actividade da missionação. Quando surgiu a proibição da difusão do catolicismo na China, o rei de Portugal, preocupado, tentou melhorar as relações luso-chinesas com o objectivo de manter a estabilidade do catolicismo na China e assegurar os benefícios obtidos em Macau pelos portugueses. Foi por este motivo que D. João V enviou Alexandre Metello de Sousa e Menezes à China, no 3.º ano do Reinado Yongzheng (1725), durante a Dinastia Qing.

## I

O Catolicismo entrou em Macau e na China, a partir da rota de comércio Macau—Goa—Lisboa. Nos anos 20 e 30 do século XVII, começou na Companhia de Jesus a «Questão dos ritos chineses», que consistia em saber se era aceitável a participação dos chineses convertidos nas actividades tradicionais chinesas, como por exemplo o «culto dos antepassados» e o «respeito a Confúcio». A posição de Mateus Ricci, missionário da Companhia de Jesus, era de concordância, porque considerava que a homenagem a Confúcio e aos antepassados era simplesmente um comportamento de natureza não religiosa, que não contrariava a religião católica.

---

\* Docente na Faculdade de História da Universidade de ZhongSan.

No período inicial, a admissão da tradição cultural confucionista pelos missionários obteve bons resultados para a missionação na China e o imperador Kangxi denominou este tipo de missionação por «regras de Mateus Ricci».

Após a morte de Mateus Ricci, Nicolau Longobardi assumiu o cargo de Provincial da China na Companhia de Jesus, e de imediato contrariou as «regras de Mateus Ricci» por considerar que os praticantes dessas regras iriam destruir a pureza da religião católica. Durante o ano de 1633, discutiu-se em várias reuniões a «questão dos ritos chineses», tanto na China como na Europa.

No 32.º ano do reinado de Kangxi (1693), o bispo de Fujian proibiu aos crentes a prática do culto dos antepassados e o respeito a Confúcio, bem como a utilização dos termos «Deus» e «Céu». Alguns missionários, quando disso tiveram conhecimento, apresentaram no ano de 1700 a questão ao imperador Kangxi, pedindo-lhe ajuda e salientando que, «adorar Confúcio é o mesmo que respeitar o mestre» e «o culto dos antepassados é uma manifestação da afectividade familiar», uma prova de «piedade filial». O imperador Kangxi, depois de estudar o assunto, disse que «o que escreveram está de acordo com as doutrinas de respeito ao céu, aos mestres e aos mais velhos, e isso é uma acção justa e universal, por isso, não há nada a ser rectificado».<sup>1</sup>

No ano de 1704 (ano 43.º do reinado de Kangxi), o Papa Clemente X proibiu aos católicos a participação nas actividades de «culto aos antepassados e de respeito a Confúcio», enviando o bispo Maillard de Tournon à China a fim de resolver a «questão dos ritos». Esta atitude provocou ressentimento em Kangxi que mudou a política de tolerância religiosa, em 1706, iniciando o sistema de concessão de permanência aos missionários que deveriam deslocar-se a Pequim e, por vontade própria, requerer essa concessão, garantindo o interesse em residir vitaliciamente na China e entregando os seus currículos. Só depois dessa autorização imperial podiam residir na China, começando a partir de então, a inspecção missionária para perseguir os missionários jesuítas que a não possuíam. Todos os que se encontravam em situação ilegal eram deportados para Macau.

No ano de 1723, o imperador Yongzheng também adoptou medidas restritivas da religião, afixando no despacho da informação elaborada pelo governador de Zhejiang-Fujian sobre a proibição da religião e a expulsão dos missionários, o seguinte:

«Desde que tomei o poder, constatei que as políticas em vigor foram elaboradas pelos antepassados do trono para o bem da nação e eliminação das injustiças. Hoje a vossa ida para Macau deve-se às perturbações e ilusões do povo criadas pelos ocidentais nas diferentes

---

<sup>1</sup> Citação em Fong Hou : Bibliografia de Personalidades na História do Catolicismo na China, «Chong Kuok Tin Chu Kao Si Yan Mat Chun», pág. 317, Editora Chung Wa, 1988.

localidades. Como resposta aos pedidos dos ministros dessas regiões, a corte reuniu-se para discutir o assunto e tratar com justiça o problema. Não vos posso favorecer por meu interesse próprio e colocar de parte as opiniões do país. Devido à insistência dos vossos pedidos, vou ordenar ao governador de Guangdong que não vos persiga temporariamente até que os governantes locais apresentem uma opinião final sobre o assunto».<sup>2</sup>

Por essa afirmação, podemos verificar que o imperador Yongzheng não iria mudar a política sobre a actividade dos missionários. Desde então, começou uma onda de deportação em todas as regiões nacionais. Exceptuando os de Pequim, todos os missionários das províncias foram deportados para Macau. As igrejas foram transformadas em hospitais, templos, escolas e armazéns de alimentos, ou destruídas. Os missionários foram obrigados a abandonar a religião e os chineses impedidos de abraçar a religião. O catolicismo sofreu um golpe fatal na China, fazendo com que os missionários proclamassem o seguinte:

«Levámos duzentos anos para a construção dessa Companhia de missionação e acabámos por ter este triste fim».<sup>3</sup>

No termo do reinado de Yongzheng, só restavam Ignace Kogler e outros vinte missionários que prestavam culto em Pequim, só podendo dedicar-se ao ascetismo.

Perante a proibição da missionação decretada pelo imperador Yongzheng, os portugueses receavam que iguais medidas fossem adoptadas em Macau. Por isso, o rei de Portugal, D. João V, enviou Alexandre Metello de Sousa e Menezes à China, para uma visita de cortesia ao imperador Yongzheng e resolver os conflitos da missionação.

## II

Em 1725, Alexandre Metello de Sousa e Menezes, acompanhado por António de Magalhães e nove padres, levando na fragata *Nossa Senhora d'Oliveira* livros sobre Portugal e trinta arcas de presentes, partiu de Lisboa para a China, passando pelo Rio de Janeiro, Brasil, e chegando a Macau no dia 10 de Junho de 1726. A embaixada foi bem recebida pelas autoridades portuguesas e pela população. Ouviram-se salvas de canhões das fortalezas e dos navios de guerra e uma guarda de honra foi formada por três grupos de soldados. A população ansiava que este embaixador reduzisse o ressentimento de Yongzheng em relação ao catolicismo e melhorasse a situação de Macau.

---

<sup>2</sup> Primeiro Arquivo Histórico da China: «Chu Paio Chau Chit», N.º 1 do Proc. N.º 372 da Série de Relações Externas.

<sup>3</sup> Edição e tradução de Chu Cheng : O Reino da China visto pelos Missionários Ocidentais «Yeung Kao Si Hong Chong Kuok Chio Teng», pág. 101, Editora Popular de Xangai, 1995.

O padre António de Magalhães só regressou à China quatro anos após a morte de Kangxi, a quem Yongzheng sucedeu no trono. Este Jesuíta chegou apressadamente a Pequim no dia 19 de Novembro e apresentou-se na corte no dia 24. Yongzheng apreciava muito este padre, e, por isso, designou-o intérprete dos embaixadores portugueses. Yongzheng mandou um príncipe, seu 13.º irmão, indagar junto do padre António de Magalhães sobre o motivo da viagem do embaixador e se vinha por questões religiosas. O padre António de Magalhães explicou que o objectivo da embaixada era a apresentação de condolências pelo falecimento de Kangxi e cumprimentar o imperador reinante, e solicitar a sua protecção para os habitantes de Macau e vassalos portugueses na China. Esta resposta não satisfez o imperador. O Senado de Macau informou os mandarins da China sobre a notícia da chegada do embaixador a Macau, anunciando que o rei de Portugal enviara o embaixador à China como congratulação pela subida ao trono do novo imperador.<sup>4</sup>

Yongzheng sabia muito bem que um dos objectivos da embaixada era a questão religiosa e, por isso, ordenou que o embaixador só entrasse na corte se não referisse os assuntos relacionados com o catolicismo. Em Dezembro, ordenou a execução do prisioneiro Mu Jingyuan para mos-trar que a expectativa do embaixador iria ser gorada.

Durante a permanência em Macau, Alexandre Metello de Sousa e Menezes teve várias reuniões com o Senado, contactando pessoas diversas que pediram ao embaixador para «mostrar ao rei as pressões e as extorsões sobre Macau e pedir à China para parar com todas as acções injustas e perturbadoras».<sup>5</sup> Os mandarins consideraram Alexandre Metello de Souza e Menezes um embaixador tributário. Este quando soube disso, procurou proteger a dignidade, quer do rei de Portugal, quer de si próprio, salientando que «mais vale regressar para a Europa, do que percorrer longas distâncias até aqui, para assumir o papel de um súbdito»,<sup>6</sup> e desejou que o imperador da China considerasse a sua embaixada como congratulatória. Os mandarins de Cantão prometeram que, na documentação oficial, não acrescentariam a palavra «tributo» nem frases humilhantes, podendo o embaixador cumprir a sua missão. Alexandre Metello de Sousa e Menezes acabou por ir à corte, depois de autorizado pelo imperador Yongzheng. No livro sobre este reinado, está registado o seguinte:

«No 5.º ano (de Yongzheng), foi autorizada a chegada de uma embaixada de Portugal, entrando por mar as ofertas trazidas pelos mensageiros. Os acompanhantes que queriam viajar até Pequim foram autorizados a fazer a viagem, enquanto os outros ficaram em luxuosos

---

<sup>4</sup> Andrew. Ljungstedt: «An Historical Sketch of the Portuguese Settlement in China» pág. 96, 98, Boston 1836.

<sup>5</sup> Ver nota 4.

<sup>6</sup> Tou Man Hoi: Registos dos Ocidentais sobre a Dinastia Ching, «Ching Toi Sai Yan Kin Man Luk», pág. 169.

alojamentos com rica comida que os governantes de Guangdong conseguiram para eles. Como era a primeira vez que este país pagava tributo, foi autorizado o envio de um funcionário do Ministério dos Assuntos Internos para receber a delegação. No regresso, a delegação passou de novo por Guangdong, onde foi recebida pelos governantes locais».<sup>7</sup>

O embaixador, acompanhado pelos mandarins nomeados pelo Governador da província de Cantão e levando trinta arcas de presentes e documentos, seguiu para Pequim por via marítima. Nesta visita ao norte, o aparato dos equipamentos, a abundância dos presentes e o vestuário luxuoso dos membros da comitiva do embaixador tinham como objectivo mostrar a vida abastada e a prosperidade de Portugal e reforçar assim a honra da embaixada. No dia 9 de Dezembro, o imperador Yongzheng mandou António de Magalhães ao sul, acompanhado por um médico (de medicina tradicional chinesa), a fim de receber a comitiva, primeiro em Jiangxi, e depois perto de Pequim.

No dia 18 de Maio de 1727, o embaixador Alexandre Metello de Sousa e Menezes chegou, oficialmente, a Pequim. Yongzheng organizou uma grandiosa cerimónia de recepção, com uma guarda montada de duzentos manchus e três filas de músicos. Os presentes, oferta do rei Portugal ao imperador da China, estavam em trinta arcas ricamente adornadas com cobertas de seda amarela, carregadas por duzentos e sessenta e dois lacaios negros em librés escarlates; o tambor e os trompeteiros, apresentaram-se de uniforme azul e prata, com as armas de Portugal magnificamente bordadas em estandartes de damasco verde e franja dourada; os guardas reais, com as suas espadas; o estribeiro-mor, os fidalgos do rei e o secretário vestidos com tecidos dourados e prateados, com chapéu de plumas e espadachim de prata, cada um com o seu laçao segurando as rédeas; mais guardas reais, de uniforme azul prateado, com o brasão do embaixador nos seus elmos; o embaixador, ataviado de ouro e prata, numa cadeira de veludo azul, com oito carregadores em librés de seda azul, faixa vermelha e chapéu de plumas; uma guarda de mosqueteiros ladeando a cadeira; ajudantes do Senado de Macau com o guarda-sol oficial e o coxim manchu; os cavalos do embaixador, esplendidamente ajaezados; o padre-confessor, o intérprete e os missionários da corte, o resto da comitiva e funcionários nativos, num total de quase oitocentas pessoas,<sup>8</sup> o que deslumbrou a corte imperial. Esta cerimónia do embaixador foi imprevista, o que levantou perplexidade nos mandarins, habituados aos procedimentos normais de recepção dos embaixadores tributários. O embaixador ordenou que os membros da comitiva aproveitassem a oportunidade, atirando moedas de prata à multidão, para que todos ficassem surpreendidos com a sua generosidade.

---

<sup>7</sup> Casos Típicos Sobre as Conferências Monárquicas, Yam Teng Tai Ching Wui Din Si Lai, Proc. 510, «Chio Kong». «Ieng Song» pág. 3.

<sup>8</sup> José de Jesus Maria: «Azia Sinica e Japonica», Livro 8 Cap.VI, pág. 154-155, 158.

Após a entrada de Alexandre Metello de Sousa e Menezes em Pequim, os ministros informaram imediatamente o imperador da chegada do embaixador. Yongzheng fez várias perguntas sobre o embaixador, quanto ao estatuto, carácter e objectivo dessa embaixada. Sobre o objectivo da embaixada, foi igual à resposta do padre António de Magalhães. O embaixador Alexandre Metello de Sousa e Menezes, perante a corte imperial, soberba e arrogante, em frente dos «estrangeiros ocidentais», tentou proteger a honra e a dignidade de Portugal e de toda a Europa, e pediu coisas que não correspondiam à realidade, o que provocou alguns aborrecimentos à corte imperial chinesa. No entanto, Yongzheng recebeu magnanimamente o embaixador, obsequiand-o com etiquetas grandiosas, concedendo-lhe bastantes honras que espan-taram os funcionários governamentais e o próprio povo. Yongzheng não deu ao embaixador oportunidade para falar sobre a missionação.

No dia 23 de Maio, de acordo com o programa organizado pelo Tribunal dos Ritos, Alexandre Metello de Sousa e Menezes devia assistir ao ensaio habitual dos cerimoniais da audiência, mas o embaixador recusou ir, por considerar tal atitude incompatível com a sua dignidade. Com a ajuda dos missionários, a recusa teve como pretexto ser desnecessário ensaiar o que o embaixador já conhecia perfeitamente. De seguida, houve discussões quanto à forma de apresentar ao imperador as credenciais do rei de Portugal. Segundo o protocolo da corte, deviam ser deixadas sobre uma mesa na sala de audiências e só depois levadas pelos mandarins ao imperador. Mas Alexandre Metello de Sousa e Menezes desejou entregá-las em mão ao imperador, porque fora essa a ordem do rei de Portugal. O mesmo acontecera no ano de 1720, quando o embaixador do czar russo, Leoff Vasilievich Ismailoff, quando se apresentou ao imperador Kangxi, entregando em mão as cartas credenciais ao imperador. Este acontecimento propagou-se por toda a Europa, e os europeus consideraram-no uma vitória sobre a China. A atitude persistente do embaixador enfureceu o príncipe que organizou o programa, que repreendeu a teimosia do embaixador: «ao chegar aqui, por causa de uma mesa já provocou uma discussão e se assim continua provocará eventualmente mais discussões.»<sup>9</sup> Contudo, Yongzheng, indulgente, ordenou que se cumprissem as exigências do embaixador. Mas a proibição de missionação por Yongzheng, naquela época, cobriu de sombras as expectativas dos missionários que tinham de ser cautelosos com a atitude do imperador e dos mandarins, a fim de provar que o objectivo do embaixador era unicamente congratular-se pela subida ao trono do novo imperador. Assim, tinham que convencer o embaixador a não falar em assuntos da missionação, porque consideravam que o mais importante era deixar uma boa imagem na corte.

---

<sup>9</sup> Edição e tradução de Chu Cheng : O Reino da China visto pelos Missionários Ocidentais «Yeung Kao Si Hong Chong Kuok Chio Teng», pág. 155, Editora Popular de Xangai, 1995.



Depois deste acontecimento, outro conflito surgiu. De acordo com os costumes da China, em Pequim, só os príncipes se podiam sentar em cadeirinhas, transportados por oito pessoas, mas o embaixador Alexandre Metello de Sousa e Menezes quis ser transportado de igual modo para se apresentar ao imperador. Para um país como a China, com uma separação de classes bastante rigorosa, este pedido do embaixador, excessivo, só provocava antipatia. Após a intervenção sensata dos missionários, o embaixador Alexandre Metello de Sousa e Menezes decidiu ceder. Mas, se o embaixador tivesse insistido na atitude, Yongzheng manteria a cortesia de comportamento.

No dia 28 de Maio, Alexandre Metello de Sousa e Menezes, apresentou-se oficialmente ao imperador, conforme as orientações dadas pelo Tribunal de Ritos e de acordo com o protocolo chinês. No palácio Tai Wo, o embaixador ajoelhou-se, tocando com a testa no chão diante do trono, fazendo os mesmos actos praticados pelos outros dois enviados diplomáticos, com a diferença de que entregou pessoalmente a carta credencial do rei de Portugal ao imperador. Desta vez, a carta fora mesmo escrita pela mão do rei de Portugal e não como as outras trazidas pelos dois embaixadores anteriores sob nome falso do rei de Portugal, embora escritas pelas autoridades de Macau ou de Goa. Depois da cerimónia, o embaixador fez um discurso bastante cortês e apropriado, declarando a congratulação do rei de Portugal ao imperador e desejando que Yongzheng mantivesse, como o imperador Kangxi, boas relações entre a China e Portugal, e protegesse os portugueses residentes em Macau e nas outras regiões da China.<sup>10</sup> Seguidamente, o imperador Yongzheng e o embaixador conversaram um pouco e o ambiente ficou bastante desanuviado. As maneiras elegantes do embaixador agradaram muito a Yongzheng que disse aos mandarins o seguinte: «Este é um homem bem educado».<sup>11</sup> Em seguida Alexandre Metello de Sousa e Menezes saiu da corte, concluindo, assim, a primeira visita. Durante todo este processo, o embaixador seguiu o conselho dado pelos jesuítas, não falando nem uma palavra sobre missionação. No regresso aos aposentos, atirou outra vez moedas ao longo do caminho, para mostrar a sua sumptuosidade.

Não nos podemos esquecer que isto se passou depois de mais de um século de negociações e opressões por parte dos países ocidentais.

No dia 7 de Junho, Yongzheng recebeu, pela segunda vez, no Palácio Sai San, o embaixador Alexandre Metello de Sousa e Menezes que ofereceu ao imperador as trintas arcas de presentes, trazidas de Portugal. Segundo os registos dos livros históricos chineses:

---

<sup>10</sup> Edição e tradução de Chu Cheng : O Reino da China visto pelos Missionários Ocidentais «Yeung Kao Si Hong Chong Kuok Chio Teng», pág. 157,158,160, Editora Popular de Xangai, 1995.

<sup>11</sup> Ver nota 10.

«Nesse ano (5.º ano), o rei de Portugal, D. João V, enviou o embaixador, Alexandre Metello de Sousa e Menezes, e outros, a fim de apresentarem congratulações e darem cumprimentos ao imperador, e trazendo à corte, grandes pérolas de coral, pedras preciosas, caixas de ouro, jarra guarnecida de ouro, uma caixa de cera, uma caixa de ágata, uma caixa guarnecida de prata, uma caixa de safira, caixas revestidas de prata e guarnecidas de ouro, cinquenta frascos de medicamentos, seda e cetim de ouro, cetim colorido de ouro, cetim do estrangeiro, armas com cabo de prata estrangeiras, espadas do estrangeiro, espada comprida, armas de fogo revestidas de prata, espingardas, pistolas, rapé, óleos, produtos aromáticos, licor aromático de frutas, licor amarelo (vinho de arroz), vinho branco, vinho tinto, um total de 40 objectos e produtos.

O enviado, enquanto apresentava as ofertas, disse: «Muita atenção foi dada pelo nosso Rei ao Imperador que agora está coroado e trata todos imparcialmente. Agradecemos os favores do Imperador e por isso trazemos aqui as ofertas para sua Excelência pessoalmente constatar a sinceridade do nosso reino».<sup>12</sup>

Durante o oferecimento de presentes, Yongzheng, para seguir os costumes chineses de não os receber na totalidade, perguntou se os costumes eram idênticos na Europa, salientando: «Sei que o desejo sincero do rei de Portugal é este, mas a quantidade dos presentes é bastante grande, por isso não me é possível aceitá-los todos». O embaixador explicou que os costumes da Europa mandavam aceitá-los todos. Contudo, em sinal de respeito do rei de Portugal ao imperador da China, esses presentes eram insignificantes, e «se o imperador devolvesse esses presentes insignificantes, isso seria uma grande humilhação».<sup>13</sup> Yongzheng seguiu os conselhos e mandou, com boa fé, aceitá-los todos. Seguidamente, os dois mandarins que estavam presentes perguntaram ao embaixador se havia mais assuntos para apresentar ao imperador, tendo o embaixador dito que não. Yongzheng concedeu, novamente, grande honra ao embaixador. Em primeiro lugar, autorizou total liberdade de movimentos dentro de Pequim ao embaixador e aos seus companheiros, e em segundo lugar, concedeu ao embaixador mil taéis de prata, a fim de poder comprar produtos locais para serem levados para Portugal.

No dia 13 de Junho, realizou-se a terceira audiência do embaixador ao imperador Yongzheng, a fim de agradecer a graça concedida e visitar os jardins, acompanhado por Yongzheng.

Yongzheng recebeu sempre o embaixador com cordialidade, mas não lhe deu qualquer oportunidade de se expressar livremente. Quando o embaixador tocava nos assuntos de missão, Yongzheng interrompia-lhe a fala, fazendo com que o embaixador ficasse confuso e suspirasse de vez em quando: «Se ele não me deixa transmitir as

---

<sup>12</sup> Casos Típicos sobre as Conferências Monárquicas, Yam Teng Tai Ching Wui Din Si Lai, Proc. 503, «Chio Kong». «Ieng Song» pág. 12.

<sup>13</sup> Ver nota 10.

palavras boas de Cristo, por que razão me trata com cortesia?». <sup>14</sup> O embaixador tentou actuar de acordo com os conselhos dos jesuítas, e deixar uma boa imagem na corte; no encontro com os mandarins, tentou ser generoso, falar com cortesia, oferecer presentes, e convidar o mandarim, de apelido Tong, e os mandarins que o receberam e hospedaram na sua residência, para assistirem à festa em honra do rei de Portugal. Além disso, toda a comitiva tinha que se comportar com disciplina e ninguém devia movimentar-se desordenadamente, dentro de Pequim, para não deixar má imagem. Aos olhos dos jesuítas, o embaixador Alexandre Metello de Sousa e Menezes deixou mesmo uma boa imagem em Pequim, «O seu talento, a sua perícia e a boa ordem da sua estadia ganhou, para si próprio e para os europeus, uma honra bastante elevada na corte da China» <sup>15</sup>. Era esse o desejo dos jesuítas, apesar de não se terem conseguido os objectivos das autoridades portuguesas de Macau.

A última visita do embaixador Alexandre Metello de Sousa e Menezes ao imperador Yongzheng, deu-se no dia 7 de Julho, em Yuan Ming Yuan, onde foi bem recebido. Aí, Alexandre Metello de Sousa e Menezes teve a honra de ser servido com uma garrafa de vinho e na baixela do Imperador. Se isso tivesse acontecido cinquenta anos antes, durante a embaixada de Manuel de Saldanha, em 1667-70, teria sido grande a alegria dos jesuítas.

A consolidação do seu regime e a garantia dos seus interesses pessoais levaram a que o imperador Yongzheng eliminasse os potenciais perigos à sua governação, pondo fim à propagação do cristianismo na China, do que resultou a perda de um número significativo de missionários que serviam de ponte de ligação no intercâmbio cultural entre a China e o Ocidente. Os motivos que conduziram ao fecho da China não devem ser atribuídos unicamente a Yongzheng ou aos interesses pessoais de um determinado imperador, devendo ser avaliadas num plano mais profundo. Porém, a História demonstra que a posição sempre defendida por Yongzheng e traduzida pela interrogação «Que benefícios trazem os ocidentais para a nossa China?», não protegem efectivamente a China, isolando-a do mundo exterior.

De acordo com os registos históricos chineses, a embaixada de Portugal foi presenteada por Yongzheng com inúmeras prendas:

«(Yongzheng) 5.º ano, o povo da nação ocidental (Portugal) veio prestar tributo ao imperador, recebendo o monarca em troca seis peças de fazenda japonesa de adorno, quatro peças de fazenda doirada, oito peças de cetim brilhante, cetim de flores azuis, cetim azul, cetim para chapéu e cetim de cores claras, vinte e duas peças de

---

<sup>14</sup> Ver nota 10.

<sup>15</sup> Edição e tradução de Chu Cheng : O Reino da China visto pelos Missionários Ocidentais «Yeung Kao Si Hong Chong Kuok Chio Teng», pág. 160, Editora Popular de Xangai, 1995.

seda, seda encrespada, trinta e três peças de tecido, e sete peças de tafetá. O embaixador recebeu uma peça de brocado de luxo, duas peças de brocado de adorno e fazenda japonesa, uma peça de fazenda para chapéu, três peças de cetim de flores azuis, cetim de flores verdes e cetim azul, seis peças de seda, seda encrespada, três chapéus, e cem táeis de prata. Cada um dos dez acompanhantes recebeu uma peça de fazenda de adorno, duas peças de cetim de flores azuis, cetim de flores verdes, cetim azul claro e seda, duas peças de seda encrespada, duas peças de seda fina, duas peças de tafetá, e cinquenta táeis de prata. Cada um dos trinta servidores recebeu três peças de seda fina e seda encrespada, duas peças de tafetá, e vinte táeis de prata. O governante de Guangdong que acompanhou a viagem recebeu uma capa de cetim. Os outros delegados e dignitários do monarca também receberam brocados, cetim de porcelana, artigos de estanho, vinho de Lichia, chá, papel e tinta, estribos de luxo, leques, sacos aromáticos, e aos outros acompanhantes concedidos títulos honoríficos».<sup>16</sup>

Os presentes oferecidos ao monarca encheram 35 caixotes, e os da comitiva 7 caixas. Para preservar a dignidade do rei de Portugal, o embaixador recusou aceitar, dos governantes chineses, uma carta escrita numa linguagem desrespeitosa dirigida ao monarca português, o que o colocava numa posição hierárquica diferente. O ministro chinês Tong tranquilizou o embaixador, que partiu de Pequim a 16 de Julho.

No dia 21 de Julho, os jesuítas residentes em Pequim, Dominique Parrenin, José Suarez, Xavier-Ehrenbert Fridelli e Ignace Kögler deslo-caram-se a Yuan Ming Yuan para agradecer a Yongzheng as honras concedidas ao embaixador. Parrenin usou palavras cerimoniosas de agradecimento, embora não tivesse conseguido obter muita simpatia de Yongzheng que conhecia muito bem os objectivos dos europeus e que sabia que o embaixador Metello tinha partido desiludido. O imperador afirmou aos missionários:

«Dominique Parrenin, se tivesses mostrado a verdade a Metello de Sousa e explicado correctamente os meus princípios e desejos, ele não me teria dito aquelas palavras. Pedi-me que mandasse devolver todas as igrejas, permitindo também a missão da vossa religião como na altura do meu pai Kangxi. Escutem aquilo que vos digo: Vocês têm que transmitir isso com urgência a todos os europeus que estão em Pequim e Cantão, e explicar-lhes que, se vierem mais embaixadores, devem estar atentos para não falarem como Metello de Sousa. Se Metello de Sousa tivesse entendido os meus motivos, também concordaria comigo. Mesmo que o Papa ou todos os monarcas se deslocassem até aqui para apresentar os pedidos que Metello de Sousa me fez, também veriam que isso seria recusado, porque se tratam de pedidos injustificados... Se estivesse no trono outro imperador de feição mais autoritária, logo vos teria deportado. Metello de Sousa apresentou-me o pedido através da

---

<sup>16</sup> Casos Típicos sobre as Conferências Monárquicas, Yam Teng Tai Ching Wui Din Si Lai, Proc. 506, «Chio Kong». «Ieng Song» pág. 12.

permissão para conhecer boas pessoas mas não consenti. Porque eu sei distinguir os indivíduos prejudiciais dos bons. Porém, não tenho necessidade de missionários, visto que se eu mandasse os monges para os vossos países na Europa, os vossos monarcas também não os aceitariam».<sup>17</sup>

Os missionários escutavam preocupados estas palavras que saíam da boca de Yongzheng como se o fim do mundo se aproximasse. Yongzheng estava consciente e falava tranquilamente, deitando abaixo todas as expectativas dos missionários e portugueses de Macau.<sup>18</sup>

Metello de Sousa partiu de Pequim, para Macau acompanhado pelo funcionário imperial Chang Baozhu, e percorreu Jiangsu, Zhejiang, Jiangxi. O objectivo de Yongzheng era mostrar à delegação a prosperidade económica da China e as riquezas do povo, tendo ordenado aos governantes locais a organização de recepções calorosas e bom acolhimento. Durante a viagem, o funcionário imperial Chang Baozhu elogiava deliberadamente o prestígio de Metello de Sousa para extorquir dinheiro aos governantes locais que, por esse motivo, resolveram agir. O funcionário Li Wei de Zhejiang participou, a 19 de Setembro, ao imperador as acções de Chang Baozhu que não cuidavam dos interesses da nação, utilizando a figura de Metello de Sousa para o seu próprio prestígio. Yongzheng ficou contente com Li Wei e afirmou: «A vossa denúncia deve ser elogiada e, se todos os governantes das províncias e das fronteiras tivessem atitude semelhante, nada havia neste mundo impossível de governar». Encarregou então Li Wei de obter mais pormenores dos funcionários e ministros sobre a viagem a Zhejiang e Guangzhou.<sup>19</sup> Depois da chegada de Metello de Sousa a Macau, o vice-governador das duas províncias de Cantão e Guangxi, Kong Yuxun, descreveu Chang Baozhu ao imperador como incorrupto nos procedimentos e delicado no tratamento dos habitantes locais. Instado a afirmar a verdade, Kong Yuxun replicou ao imperador:<sup>20</sup> «Referi que Chang Baozhu era incorrupto, porque se recusou a aceitar a oferta de 800 táéis em dinheiro, mas na realidade tinha mandado anteriormente os familiares a Cantão para receber todo o tipo de suborno. Todos sabem que ele em Macau recebe dos ocidentais géneros alimentícios, mas ninguém sabe que outro tipo de prendas recebe».<sup>21</sup> A conversa demonstra que não interessava a Chang Baozhu prejudicar a nação para obter lucros ilícitos.

---

<sup>17</sup> Cfr. Song Weng Kuan: Apesar de Metello de Sousa não ter procedido desta maneira.

<sup>18</sup> Tou Man Hoi: Registos dos Ocidentais sobre a Dinastia Ching, «Ching Toi Sai Yan Kin Man Luk», pág. 144-145.

<sup>19</sup> «Kong Chong Tong Yong Cheng Chio Chau Chit. Chu Pai U Chi. Lei Wai Chau Chit» 19 de Setembro do Ano 5.

<sup>20</sup> «Kong Chong Tong Yong Cheng Chio Chau Chit. Chu Pai U Chi. Hong Yok Son Chau Chit» 16 de Novembro do Ano 5.

<sup>21</sup> «Kong Chong Tong Yong Cheng Chio Chau Chit. Chu Pai U Chi. Hong Yok Son Chau Chit» 22 de Março do Ano 6.

Metello de Sousa, à chegada a Macau no dia 8 de Dezembro, foi calorosamente recebido pelas autoridades e população. Para agradecer a bondade do imperador e por coincidir com o seu aniversário, o embaixador organizou, no 1.º dia da 11.ª lua (13 de Dezembro) com os governantes e povo uma festa religiosa na catedral em honra do imperador.<sup>22</sup>

### III

Com o fracasso desta embaixada de Metello de Sousa, Yongzheng continuou a sua política de proibição religiosa e Macau voltou a ser o porto de abrigo dos missionários deportados. O território de Macau, para além de não conseguir os objectivos iniciais desta viagem, registou um agravamento da situação financeira devido às despesas da embaixada, para a qual dispendeu para isso 30 mil táéis de prata que incluíam:

Donativos dos missionários da	
Companhia de Jesus da Diocese do Japão	1000 táéis
Donativos dos missionários da	
Companhia de Jesus da Diocese da China	500 táéis
Donativos dos missionários de Macau	200 táéis
Donativos de 12 cidadãos	3000 táéis
Receitas municipais	25500 táéis <sup>23</sup>

O território de Macau teve que resolver inúmeras dificuldades para angariar esse fundo. Em 1720, uma instituição bancária, criada pouco tempo antes, entrara em falência. Como o Senado hipotecou fundos municipais, só recuperou a estabilidade financeira em 1762.<sup>24</sup>

Esta missão de Metello de Sousa não trouxe melhorias à situação dos missionários nem conseguiu a recuperação económica. Pelo contrário, em 1727 (5.º ano de Yongzheng), o imperador Yongzheng implementou uma política económica gravosa para Macau. Devido aos pedidos sucessivos do Governador das Províncias de Cantão e Guangxi e do Governador das Províncias de Fujian-Zhejiang sobre os graves problemas sociais motivados pela proibição do comércio entre o litoral chinês e as regiões do sudeste asiático, Yongzheng decretou a revogação da ordem proibitiva do comércio marítimo em Cantão, Fujian e outras províncias. A marinha comercial chinesa foi autorizada novamente a fazer negócios, destruindo o monopólio dos portugueses no comércio marítimo com o sudeste asiático. Os comerciantes chineses usufruíam de muitas vantagens, e disputavam com os portugueses não só os

---

<sup>22</sup> Andrew Ljungstedt; «An Historical Sketch of the Portuguese Settlement in China» pág. 102, Boston, 1836.

<sup>23</sup> Ver nota 22.

<sup>24</sup> Ver nota 8.

mercados ultramarinos mas também as fontes de mercadorias dentro do país, o que representando uma ameaça para os portugueses de Macau. A política do governo chinês de restabelecimento do comércio marítimo tornou irreversível a decadência do comércio dos portugueses em Macau, demonstrando a grande dependência de Macau em relação ao Império chinês. Por isso, alguns historiadores ocidentais consideram que: «Esta missão teve como resultado a frustração dos governantes de Macau, porque não houve nenhuma melhoria nem na economia nem na política comercial entre a China e a rota Portugal/Índia.»<sup>25</sup>

---

<sup>25</sup> G.B. Souza: «The Survival of empire Portuguese Trade and Society in China and the South China Sea, 1630-1754», 204.

